

LITERATURA E WHATSAPP: uma parceria possível

Resumo

Trata de vivência em sala de aula do idioma inglês como língua estrangeira na qual foi relevada a importância da leitura de literatura clássica através de livro paradidático como forma de melhor compreender a língua coadunando-a com o uso de mídias sociais. Entende-se que para conhecer um idioma estrangeiro, deve-se também relevar o conhecimento da literatura dos países no qual o inglês é a língua materna e que em se tratando da época atual em que as mídias sociais estão cada vez mais presentes, a parceria entre os dois aspectos é possível. Parte da premissa de que é na sala de aula que tais aspectos podem e devem ser estudados com o auxílio do professor.

Palavras-Chave: Leitura. Inglês. Tecnologia *Whatsapp*.

Abstract

This is about the experience in English as a foreign language classes in which the importance of reading classic literature through readers was taken into consideration, as a way to better understand the language conciliated with the use of social media. It is understood that to know a foreign language, one should also reveal the knowledge of the literature of the countries in which English is the mother tongue and in the case of the present times, where social media are increasingly present, the partnership between the two sides is possible. It is based on the premise that it is in the classroom that such issues can and should be studied with the help of the teacher.

Key words: Reading. English. Technology. *Whatsapp*.

Introdução

Cada vez mais se discute sobre o impacto da tecnologia na vida das pessoas e em se tratando de jovens em idade escolar os possíveis efeitos nocivos a serem enfrentados por docentes e dirigentes escolares no que tange ao uso excessivo de aparelhos celulares e as mídias sociais.

Independentemente dos avanços tecnológicos, a leitura no ambiente escolar ,seja de forma intensiva com textos curtos apresentados pelo material didático, seja através de leitura extensiva de material autêntico no idioma estrangeiro torna-se imprescindível basicamente por três motivos: ler por prazer, ler para estudar, ler para informar-se.

Essa discussão torna-se de inegável valor ao se tratar da sala e aula de idiomas. É nesse ambiente que o indivíduo terá oportunidade de aprender a língua-alvo, e também de confraternizar com os colegas, conjecturando ideias, praticando as habilidades de falar, ouvir, escrever e ler. Este trabalho busca compartilhar a tentativa de se aplicar na sala de aula do Idioma Inglês de nível Pós Intermediário as considerações levantadas por autores relevantes sobre a atual indissociabilidade entre aprendizado e tecnologia a partir de uma abordagem que valoriza a troca de experiências adquiridas com a leitura como fomento à compreensão global de uma língua para ampliar a gama de conhecimentos tanto no idioma, como no conhecimento de mundo através também da facilidade oferecida pelas mídias modernas.

Referencial Teórico

Entende-se que a sociedade hodierna necessita cada vez mais de indivíduos criativos e com embasamento cultural e educacional. Esse aporte pode ser adquirido por meio da leitura (ANTUNES, 2007, p. 27).

O professor pode contribuir com essa responsabilidade ao interferir positivamente indicando leituras instigantes e relevantes que enriqueçam o mundo no qual o aluno está inserido. Uma leitura não pode valer de *per si*. Ao contrário, apresenta todas as condições para que através dela o indivíduo amplie seus horizontes, seu senso crítico,

sua linguagem e sinta-se mais seguro para participar do meio social e profissional, conforme explana Antunes (2007, p. 27): “o conteúdo que é lido por parte de quem lê — condições e insumos importantes que levam o indivíduo a construir o seu próprio pensamento, a ter as suas ideias [...]”. Ou seja, ao invés de se tornarem meros objetos de reprodução da leitura a qual foram submetidos, agora, exigem-se dos alunos que sejam seres mais pensantes, tenham subsídios para criar suas ideias e oferecer soluções interessantes e pertinentes ao meio em que estão inseridos, dando sentido através da compreensão, interpretação, relacionamento e retenção do que for mais considerável (SOARES, 2003, p.107). Dessa forma, entende-se que, através da leitura de textos cativantes, os alunos possam desenvolver sua criatividade, um diferencial no profissional que dela fizer uso.

Através da leitura o ser humano torna-se capaz de ampliar seus horizontes, despertando para mundos de maior amplitude seja ela pessoal, cultural, religiosa ou profissional. Assim, a leitura seria capaz de inserir pessoas capacitadas para exercer de forma criativa e crítica, significativos papéis na vida social local, além de, por si só, estabelecer critérios que vão desde a formação histórica de um povo até as atuações na escola ou ambiente de trabalho. Para tanto, a leitura deve ser fomentada de maneira cativante e criativa.

Segundo Geraldi (1988, p. 83) a leitura deve contribuir para a construção de significados:

[...] ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e é nesse trabalho que ele se constrói como leitor. Suas leituras prévias, sua história de leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui leitor e assim sucessivamente.

Esse significado está presente durante a própria leitura crítica e que acarreta em escrita igualmente crítica, multiplicando saberes e ideias inseridas no contexto sócio, político e cultural em que se encontra o aluno. Mas também, que seja uma leitura prazerosa e significativa não ficando restrita apenas às páginas do livro, mas expande-se às vivências pessoais, aos debates e conversas na sala de aula (e corredores da escola), às

canções ouvidas e relacionadas à leitura, ou seja, a uma gama de situações importantes, coesas e pertinentes que apenas ampliam a visão de mundo do leitor.

A linguagem para Vygotsky (2008) passa a ser fundamental ao organizar as estruturas e desempenhar um papel importante na formação das características comunicativas humanas. Neste sentido, ressalta-se a abordagem de Rigo (2008, p.2) apontando que o desenvolvimento humano se dá “por meio de uma interação dialética entre o indivíduo e o meio, mundo físico e social, e suas dimensões cultural e interpessoal” Portanto, compreende-se que o ser humano interage na sociedade e a modifica, assim como também é modificado.

Como ferramenta, a linguagem diz respeito não apenas ao bom uso da sua língua materna, mas também se estende ao domínio de um idioma estrangeiro, sendo esse domínio mais uma ferramenta importante em seu desenvolvimento.

Portanto, um trabalho com leitura e interpretação, deve ser caracterizado por textos substanciais e significativos. Esse significado está presente durante a própria leitura, e deve ser de forma crítica acarretando uma escrita crítica, visando à multiplicação de saberes e de ideias inseridas no contexto sócio, político e cultural em que se encontra o aluno, bem como o professor ao criar ferramentas de mediação da qual se destacam a leitura e a fala do aluno como instrumento pedagógico (VYGOSTSKY, 2008).

A leitura serve como ferramenta para possibilitar a formação do homem atuante no meio em que se insere. Nesse sentido, a preocupação com a leitura chega a todas as áreas, promovendo futuros leitores competentes e estimulando os aprendizes a serem sujeitos de seus próprios aprendizados.

No ensino de línguas é imprescindível o desenvolvimento da competência da leitura e interpretação textual. Logo, proporcionar prazer e entendimento acerca do conteúdo que se quer trabalhar, com uma leitura envolvente e expressivo é antes de tudo uma busca do professor. É ele que já detém certo conhecimento sobre o assunto e é ele quem irá conduzir o aluno a obter o máximo proveito de atividades paralelas ao simples ato da leitura. O primeiro passo do professor é explicitar a competência a qual se visa alcançar, demonstrando os objetivos perquiridos através da leitura de textos, livros e livros paradidáticos. Inclusive, Cardoso e Pelozo (2007, p.1): chamaram atenção quanto esta

necessidade, ao contemplar: “Cabe ao professor proporcionar momentos de leitura significativa, incentivando a formação do indivíduo crítico e reflexivo”.

Assim, percebe-se que o professor não deve apenas determinar que se leia esse ou aquele livro, ou que se trabalhe esse ou aquele texto, sem antes contextualizá-lo, já que visa ao pensamento crítico e reflexivo.

O leitor crítico será capaz de contextualizar a leitura e inseri-la no ambiente sócio, político e cultural em que está inserido, estando hábil para tirar dali parâmetros que regerão sua vida que há de vir. Inclusive Cardoso e Pelozo (2007, p. 2) complementam que:

[...] o contato com a realidade é fielmente de extrema relevância para dar significado á importância do ato de ler, já que este se faz necessário no cotidiano de cada indivíduo, pois através dele adquire-se meios de combater as imposições decretadas pela classe dominante, onde os dominados se encontram atados, perante tanta brutalidade intelectual, pois para a mesma é conveniente que assim continuem. Contudo, a prática cotidiana da leitura significativa é uma das armas que o cidadão possui para lutar contra tantas injustiças por ele sofridas.

Dessa forma, no ambiente educativo o professor deve ter por escopo a boa formação ética e profissional do indivíduo, fazendo da leitura uma atividade plena e que renda frutos futuros. Para tanto, necessárias são as atividades interessantes, lúdicas, diferenciadas que atinjam várias competências (leitura, habilidade de argumentação, senso crítico e colaborativo, etc.), proporcionando o bom desempenho de atividades em diversas áreas de conhecimento, para tanto requer que pense em atividades que conduzam ao desenvolvimento da linguagem em atividades escritas, faladas, dialogadas, dramatizadas e inúmeras outras.

Segundo Britto (1994, p.47), o professor precisa ser criativo ao oferecer uma atividade de leitura em sala de aula, e esta deve ter conteúdos coerentes com o perfil profissional, pertinentes ao nível dos alunos e atualizados com a demanda social, pois, atividades que

não exijam muito do aluno a não ser a leitura em si, perdem a oportunidade de promover a habilidade de ser crítico. E argumenta Geraldi (1988, p. 83): “[...] a leitura deve ter se tornado uma coisa muito chata, a se dar ouvidos aos "aliciamentos" que tentamos todos fazer para "conquistar" leitores”. Com isso, Geraldi mostra que o hábito da leitura e a adoção da leitura como ferramenta de formação educacional devem vir vinculados a significados reais e não meramente impostos como parte da grade curricular de determinada instituição.

O professor pode e deve transformar (ou criar) o hábito da leitura em atividade prazerosa e que dela advenham frutos, seja no âmbito cultural ou se mais específicas vinculadas ao ambiente de trabalho. Além da leitura técnica, a literatura ficcional também traz em si esse papel, uma vez que se bem contextualizada, mostra a vivência e experiência do próprio autor, e propicia uma inferência positiva entre a obra estudada e a “vida real”, este processo expande os horizontes do aluno, fomentando diminuir a diferença que se almeja e aumentar o desejo pela leitura. O professor o faz criando uma atmosfera propícia e amigável, abraçando o conhecimento de mundo de cada ser e privilegiando uma atuação mais confiante e positiva. Para Mermelstein (2004, p. 1):

[...] os alunos podem ‘ler’ textos, entendido o verbo de forma não literal: quando o professor lê para a classe, quando o aluno conta suas vivências na roda, quando o aluno ouve o colega contar ou descrever algo, quando o aluno ouve uma cantiga e sua letra, quando o aluno ‘lê’ ilustrações de um livro, quando ele tem acesso constante aos livros da sala ou da biblioteca, quando sabe que a leitura é uma atividade valorizada pelo professor.

Assim, o professor precisa pensar em elaborar atividades com embasamento teórico, atividades variadas direcionadas para leitura, inclusive, hoje, incluir os recursos dispostos culturalmente, como: Internet, projetor, debates, avaliações escritas e outras formas de perceber a evolução do aluno e sua habilidade em construir os conteúdos tornando-se um cidadão multiplicador.

Com as constantes mudanças no mundo devido ao avanço nos campos da ciência e tecnologia é inegável que o ambiente da sala de aula também precisa se adaptar a essa evolução. Raro seria encontrar entre muito jovens ou mais idosos aquele que se interpõe aos avanços tecnológicos. Os telefones celulares têm se tornado um aparelho central na construção da identidade dos jovens (CASTELLS et al., 2009).

O *WhatsApp* é uma das mudanças na tecnologia que é comumente usada em telefones. Os motivos para a comunicação fácil que esse aplicativo promove podem ser de cunho pessoal ou de trabalho. Há a possibilidade de se compartilhar mensagens, imagens, áudios e vídeos a um preço quase inexistente, bastando uma conexão com a internet.

Essa disseminação e interesse dos jovens por celulares têm seu contraponto na escola, pois

as crianças e jovens exercem esta devoção de estarem conectados, muitas vezes driblando as eventuais proibições das hierarquias escolares; aliás, costumam recorrer a essas conexões para sobreviver à chatice que implica ter que passar boa parte de seus dias encerrados nas salas de aula, mais desesperadamente desconectados que disciplinadamente confinados (SIBILIA, 2012, p. 177).

O papel do professor mostra-se novamente crucial na tentativa de não apenas apresentar um contraponto ao uso do telefone e/ou aplicativo *whatsapp*, mas também o de conseguir uni-lo de maneira harmônica com o ambiente escolar.

Um estudo da OCDE, de 2012, conhecido por *Connected Minds* (PEDRÓ, 2012) objetivou compreender as expectativas e atitudes da geração de jovens estudantes em relação à evolução de valores, educação e estilos de vida, além das relações entre o uso da tecnologia e o desempenho escolar. Percebeu-se que esses jovens desejam que a tecnologia seja uma maneira de comprometimento para tornar a escola mais harmoniosa a fim de que se torne mais profícua. Os alunos anseiam pela tecnologia como forma de melhorar o ensino e a aprendizagem e não a mudando de maneira radical.

Anderson (1998) articula sobre o valor dessas tecnologias da seguinte forma: incentivar os alunos a aprender através da antecipação de necessidades, tornando a aprendizagem

colaborativa eficiente e eficaz, construir um relacionamento que estimula a interação aluno-aluno para a aprendizagem consistente e progressiva.

Convém assinalar, como preconiza Motteran (2013, p. 177) que as novas tecnologias encontradas fazem mais que simplesmente prover um meio através dos quais os professores possam encontrar uma solução imediata para os anseios dos alunos. Na verdade “são maneiras de possibilitar aos professores engajamento em atividades que dão suporte ao desenvolvimento da língua de maneiras mais profundas do que se havia percebido”.

Esses aspectos ficaram claros para os alunos ao longo do processo conduzido pela professora com todas as quatro turmas do nível *Upper Intermediate* (Pós intermediário). Faz parte do conteúdo programático do livro a adoção e leitura de dois livros paradidáticos ao longo do semestre. Acredita-se que a atividade de leitura pura e simplesmente pode trazer benefícios como a aquisição de novo vocabulário, mas tornar-se-ia solitária e dispensaria a possibilidade de mais aprofundamento.

O livro adotado foi *Frankenstein* da autora inglesa Mary Shelley adaptado para o nível em questão. Nation (2003, p. 44) afirma que nessa fase, a leitura de textos autênticos traria um vocabulário muito difícil para o nível estudado podendo causar frustração.

Essa etapa foi de extrema responsabilidade, pois é através de um bom planejamento que se podem atingir bons resultados. Foi pensado pela professora as minúcias que o uso da ferramenta da mídia social poderia ocasionar negativamente, pois há que se prever problemas, especialmente no que tange ao uso excessivo do aplicativo acarretando em prejuízos.

Fora elaborado, portanto um código de conduta a ser discutido presencialmente em sala de aula, onde se estabeleceu entre outros aspectos que toda a comunicação no grupo do *whatsapp* seria feita em inglês, que não se admitiriam palavras de baixo calão ou desrespeito entre colegas e que todas as postagens deveriam ter um cunho expressamente relacionado ao objetivo do trabalho, além de pontuar que tal comunicação seria em horário diverso da aula. Imediatamente o grupo do *whatsapp* foi criado para as diferentes turmas de inglês pós intermediário.

Encontrado o material, um aluno encarregou-se de fazer as encomendas em livrarias especializadas e imediatamente todos no grupo foram atualizados sobre a

disponibilidade e os preços. Em prazo inferior a um mês a maioria dos alunos já havia adquirido seus exemplares, sendo a dificuldade maior ter as livrarias condições de atender a grande demanda. De pronto engajaram-se na leitura. A princípio a professora os encorajou a entender a época histórica em que o livro foi escrito e a conhecer a escritora. Os alunos poderiam ler o encarte do próprio material ou pesquisar mais detalhes na internet, sempre incitados a compartilhar no grupo.

Após entendida essa primeira fase, houve a sugestão por parte de um dos alunos de se fazer uma “maratona” de leitura, ou seja, quem terminasse a leitura primeiro levaria um prêmio que seria pago por todos os “perdedores”. Para que tal prática não ficasse marcada apenas pela dinamicidade da leitura, mas também pela real compreensão do texto, a professora postou ao longo do tempo delimitado o qual fora de um fim de semana prolongado, perguntas contendo detalhes sobre a história. Apenas em uma das três turmas não houve um final bem-sucedido para a maratona devido ao fato de que nem todos já tinham comprado o livro.

Findada a leitura em si, chegou a parte da interpretação. Inspirada pela atividade proposta por Ur (2012, p. 42), a professora começou a postar mensagens de texto abreviadas. Motivados pela curiosidade, os alunos obtiveram sucesso ao tentar decifrar os códigos ora adivinhando, ora pesquisando na internet. Em seguida, criou-se a situação em que os alunos estavam viajando com o cientista personagem do livro e sua noiva e presenciaram os acontecimentos provocados pelo monstro. Eles deveriam entrar enviar mensagens abreviadas relatando o ocorrido.

Em uma fase distinta do trabalho, a professora solicitou que alunos enviassem mensagens de áudio para o grupo dando sua opinião crítica sobre alguns dos aspectos salientados pelo livro Frankenstein, tais como a morte, a alienação, a loucura e a dupla personalidade.

Houve também a fase em que a natureza tão bem representada por Shelley (2011) foi comparada com os pontos geográficos da cidade, bem como o clima. Dessa vez, os alunos tiraram fotos que foram postadas nos grupos.

Como atividade de conclusão, alunos voluntários fizeram um vídeo, imaginando-se “vlogueiros”, fazendo sua resenha crítica sobre o livro e postando como links.

É importante salientar que todas essas atividades se deram ao longo dos meses de agosto e setembro do ano de 2015.

Metodologia

Fundamenta-se em vivências em sala de aula, com alunos de Inglês de Nível Pós Intermediário da Unidade de Idiomas em um centro de ensino profissionalizante do SENAC, com o auxílio de arcabouço teórico, o que se caracteriza, principalmente na pesquisa-ação, ou seja, é um tipo de pesquisa participante engajada. Há na base metodológica a revisão bibliográfica que consiste na procura de referenciais teóricos que auxilia na análise da questão e a partir das referências, fazem-se as tomadas de decisão que conduzem a prática.

Assim sendo, há vivência das ações através do aplicativo, na qual a docente torna-se observadora crítica, além de administradora de possíveis conflitos. É um foco de pesquisa etnográfica, por se apontar a visão do resultado das vivências.

Resultados

A partir da conclusão do trabalho com o paradidático Frankenstein percebeu-se quão agradável pode ser a leitura de uma história clássica aliada ao aplicativo *whatsapp*. Notou-se que a leitura não é apenas mais um tópico a ser trabalhado em sala, portanto, apesar da adoção de um ou mais paradidáticos ser obrigatória, aquele fora um primeiro passo a se coadunar com as outras habilidades, pois proporcionou compartilhar a consciência dos temas tratados no livro com o uso da tecnologia de forma a fazer perceber sua indissociação com o aprendizado da língua.

Considerações Finais

O presente trabalho pretendeu compartilhar sobre o uso de tecnologia, no caso o aplicativo *whatsapp* como ferramenta para auxiliar na leitura de paradidáticos para o aprendizado e sua aplicabilidade em sala de aula de idioma estrangeiro, mais especificadamente o inglês.

Partiu do receio dos efeitos nocivos que o uso excessivo poderia ocasionar e pontuou que através de um acordo inicial essas dificuldades ao serem previstas puderam ser evitadas. Partiu da premissa de que o professor pode criar um ambiente aprazível para tal e baseou-se nas reflexões obtidas na prática, onde também se relevou o pensamento crítico do aluno diante de seu cotidiano.

Mostrou que mesmo a leitura de um clássico da literatura inglesa e mundial foi prazerosa e auxiliou no estudo do idioma de diversas maneiras e trouxe novas informações.

Percebeu-se ao longo do trabalho que há como se promover a integração de novas mídias e mostrar um posicionamento aberto às tecnologias modernas para que se possibilite uma melhor compreensão do mundo ao redor.

Apenas derrubando-se paradigmas e estereótipos, incorporando-se o sentido da língua estrangeira como parte de um conjunto importante o aluno de idiomas se torna global e competente para ser um cidadão do mundo.

Referencial teórico

ANDERSON, T. & GARRISON, D. R. . **Learning in a networked world: New roles and responsibilities**. In Gibson, C. , Distance Learners in Higher Education. New York: OUP. 1998

ANTUNES, Walba de Andrade. **Lendo e Formando Leitores**. São Paulo: Global, 2007.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Sobre a Leitura na Escola: 5 equívocos e nenhuma solução**. Cadernos 21, ago.-dez, 1994.

CARDOSO, Giane Carrera e PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **A Importância da Leitura na Formação do Indivíduo**. In Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. 2007, Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art03.pdf>>. Acesso em: 10/09/2012.

CASTELLS, M. et al. **Mobile Communication and Society: A Global Perspective**. Cambridge: MIT Press, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **A leitura em sala de aula – As Muitas Faces de Um Leitor**. Ideias. In: **Leitura: Caminhos da Aprendizagem**. São Paulo. FTD. 1988.

MERMELSTEIN, Miriam. **Sobre o gosto da leitura na escola**. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=019>. Acesso em 10/09/2012.

NATION, Paul. **Como estruturar o aprendizado de Vocabulário**. São Paulo: SBS editora.2003.

PEDRÓ, F. **Connected Minds**. OECD Publishing, 2012. Disponível em: http://www.oecd-ilibrary.org/education/connected-minds_9789264111011-en . Acesso em: 30 de setembro de 2015.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. São Paulo. Hub Editorial, 2011.

SOARES, M. A. **Como motivar para a leitura**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

UR, Penny. **Vocabulary activities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, 7ª Ed. 2ª tiragem, 2008.